

Novo prelúdio orquestral indica a mudança de estação. É o **Outono** que chega cheio de promessas, estuante de vida e alegria. Jubilosos, todos o recebem com entusiásticas saudações. Orgulhoso e ufano como sói ser o homem simples do campo, Simão entoa a sua ária apontando para longe: “Olhem para estes campos sem fim...” Não demora e Lucas mais o coro proclamam veementes: “ouçam os ruídos que ressoam da floresta”. Trompas vibrantes em toques sonoros anunciam a caçada. Então, atingimos o ponto alto da estação com a esfuziante “Festa do Vinho”. Exclamações calorosas descrevem o contentamento do povo e dão amostra da exuberante animação: “Viva, viva, o vinho chegou”. Aqui, Haydn retoma um tema anteriormente utilizado em 1791, no minueto da Sinfonia nº 94 (“Surpresa”), alterando-o magistralmente no entanto, no ritmo e no tratamento harmônico-contrapontístico. Por fim, após tanto júbilo, a dura realidade do **Inverno** rigoroso e frígido, que tolhe, intimida e amedronta. A natureza recolhe-se sob o gelo e aguarda. A introdução nos previne, pois sugere que “uma densa neblina anuncia a sua chegada”. Num recitativo qual presságio sombrio, Simão canta: “O ano modifica-se, empalidece e declina; névoas secas se espalham mansamente pelo ar”. Após a tempestade, a bonança sempre bem acolhida. Eis de volta a alegria sem conta. O sol ressurge e a luz que reanima e dá vida brilha outra vez. Todos cantam: Rendamos graças ao Senhor”. Os coros divididos, em vitoriosa apoteose explodem soberbamente: “Agora podemos entrar na majestade do Teu Reino. Amém !

(Do Jornal da Cidade, Bauru, 3/1/1982.)

*

8. ÓPERA SOBRE TEXTO DE BÜCHNER APRESENTADA EM PORTO ALEGRE

Em julho do corrente ano, no auditório da Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre, ocorreu a apresentação, pela primeira vez na América do Sul, da ópera alemã **Jakob Lenz**, de Wolfgang Rihm, baseada no livro homônimo de Georg Büchner. Um dos grandes sucessos da temporada alemã do ano passado, a ópera veio a Porto Alegre numa viagem patrocinada pelo governo da República Federal da Alemanha, em sua versão integral e absolutamente original, com um total de 44 intérpretes entre cantores, músicos e técnicos. Posteriormente, a obra foi apresentada também em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Jakob Lenz trata da permanência do poeta Lenz na casa do pastor Oberlin, montagem feita a partir da descrição do dramaturgo Georg

Büchner em sua novela **Lenz**. O roteiro foi escrito por M. Fröhling, em parceria com o compositor Wolfgang Rihm. A personagem histórica, o infeliz poeta e dramaturgo Jakob Lenz, contemporâneo de Goethe, já na sua época era bastante conhecido como poeta do movimento literário **Sturm und Drang**. Em Estrasburgo, fez ele amizade com o jovem Goethe e com ele seguiu até Weimar. Mas a amizade dos dois não durou muito. O caráter doentio e o espírito perturbado de Lenz afastaram Goethe, que chegou mesmo a se empenhar para que Lenz fosse expulso da Corte, onde ele tinha caído em desgraça. Também o amor secreto que Lenz nutria por Frederique Brioux foi igualmente infeliz. Nas fantasias de Lenz por ocasião da morte do filho de um camponês, este amor se reanimou com violência. Angustiado diante da loucura que o ameaçava, Lenz procurou a ajuda de seu amigo Christoph Kaufmann, um rico mecenas literário que vivia em Winterthur. Este o envia ao pastor Oberlin, na Alsácia, homem conhecido por seus ideais humanitários, que o recebe e cuida dele. Mas nem a bondade e a generosidade de Oberlin nem os argumentos racionais de Kaufmann conseguem salvar Lenz. Sua força criativa se acaba. Ele se atormenta, tem violentas mudanças de humor, sofre de alucinações ou então vaga em profundos estados de apatia. Por diversas vezes tentou o suicídio. É um caso desesperado. Sozinho, incapaz de se adaptar aos seres razoáveis, não podendo mesmo se fazer compreender por eles, após uma última tentativa fracassada de começar nova carreira como oficial na Rússia, ele morre numa noite de junho, como mendigo, numa rua de Moscou.

Lenz viveu de 1751 a 1792 e foi um dos melhores dramaturgos de sua época. Sua peça **Der Hofmeister** ainda hoje é encenada sobretudo na adaptação de Brecht, e uma segunda peça, **Die Soldaten** foi redescoberta, em parte graças à ópera do mesmo nome, de Zimmermann. Alguns dos contemporâneos de Lenz viram nele um gênio, como é o caso de Wieland, por exemplo. Herder e Schiller se esforçaram para torná-lo conhecido. Em 1828, Ludwig Tieck colecionou as obras esparsas do poeta e publicou a primeira edição completa, mas apesar disso, ele foi esquecido na época. Somente no século XX surge novamente o interesse pela obra deste dramaturgo vigoroso e produtivo do período do **Sturm und Drang**.

Georg Büchner, além de seus dramas **Woyzeck**, **A Morte de Danton** e **Leonce e Lena**, deixou uma única obra em prosa: sua célebre e fragmentária novela **Lenz**, onde ele descreve os primeiros ataques de loucura do infeliz poeta que chamou sua atenção através do diário íntimo deixado pelo pastor alsaciano Oberlin, em casa de quem Lenz viveu algum tempo. Para Lenz, a ilusão de uma comunhão de sofrimentos com outros homens lhe proporciona, por alguns instantes, “uma doce sensação de bem-estar”, que no entanto rapidamente se desfaz perante a certeza da radical solidão do ser humano. Mas para Büchner, em sua novela, não se trata de mostrar um psicopata excêntrico. A doença de Lenz se torna como quê um símbolo de mal do qual sofre toda uma época.

(Do **Correio do Povo**, de Porto Alegre, 9/7/1982.)